

Sob o signo da memória... Acílio da Silva Estanqueiro Rocha*

Senhor Reitor da Universidade do Minho, Professor A. Guimarães Rodrigues
Senhor Professor Adriano Moreira
Senhor Presidente do Conselho Cultural, Professor José Viriato Capela
Senhor Dr. Henrique Barreto Nunes, Director da Biblioteca Pública de Braga
Senhora Dr.ª Aida Alves, Directora da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva
Estimados Familiares do Professor Lúcio
Caros Colegas, Estudantes e Funcionários
Senhoras e Senhores

Em nome da Comissão Directiva da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva (BLCS), saúdo efusivamente todos os presentes nesta sessão, que assim quiseram participar neste Encontro em que se evoca esse proeminente Professor da Universidade do Minho e cultor da Filosofia em Portugal, cujo nome e obra esta Biblioteca perpetua.

* Vice-Reitor da Universidade do Minho. Presidente do Conselho Directivo da BLCS.

Permita-se-me uma palavra de reconhecimento e de congratulação pela presença, entre nós, do Professor Adriano Moreira, um vulto da cultura portuguesa contemporânea, no pensamento e na acção, que exerceu um influxo eminente na sociedade portuguesa, no cultivo da palavra e no exercício da praxis, numa profícua conjugação de razão e de humanismo. É ainda o Professor que inovou, em Portugal, lançando as bases epistémicas da Ciência Política e das Relações Internacionais e cuja presença na nossa Universidade foi tão assídua (desde membro de júris de provas e de concursos académicos, a conferencista e orientador de projectos científicos). É também o Académico que valorizou o ensino universitário português durante o seu mandato de Presidente da Comissão Nacional de Avaliação do Ensino Superior, o Presidente da Academia das Ciências de Lisboa que admiramos, o Amigo do Professor Lúcio Craveiro da Silva que melhor sabe trazer-nos o testemunho mais penetrante sobre a figura e obra do patrono desta Biblioteca.

Esta sessão é também promovida pelo Conselho Cultural da Universidade do Minho, cabendo ao seu Presidente, Professor José Viriato Capela, expressar o sentido da evocação que hoje é feita ao Prof. Lúcio Craveiro – que foi o seu antecessor no cargo –, e a quem o Conselho Cultural consagra a publicação de um número duplo da *Forum* – revista oficial do Conselho –, a ser apresentada nesta sessão, ocorrência que nos cabe enaltecer e agradecer.

Como se sabe, esta Biblioteca abriu oficialmente as suas portas ao público em 21 de Dezembro de 2004, mercê da união de vontades da Universidade do Minho e da Câmara Municipal de Braga, que, em 1990, corresponderam à iniciativa do Ministério da Cultura de integração de Braga no projecto Bibliópolis, lançado pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas para os grandes centros urbanos universitários.

A *BLCS*, situada num local privilegiado, precisamente no centro histórico de Braga, foi talentosamente projectada pelo arquitecto Mário Abreu de modo a satisfazer os requisitos de uma biblioteca do século XXI, ao mesmo tempo que preserva os vestígios arqueológicos encontrados no local. O imóvel, marcado pela transparência de uma fachada envidraçada, permite que a luz e o sol jorem a rodos, convidando ao acto de leitura num ambiente agradável e atraente, equipado com os mais modernos recursos tecnológicos, criando o ambiente

propício para que o leitor satisfaça do melhor modo a sua curiosidade intelectual, viajando pelo mundo da literatura, da ciência, da tecnologia e da arte em geral.

Na verdade, é o acesso ao livro que representa uma das bases mais sólidas do desenvolvimento social e cultural; como alguém disse, "dos mais diversos instrumentos inventados pelo homem, o mais assombroso é o livro; todos os demais são extensões do seu corpo (...). Só o livro é uma extensão da imaginação e da memória". Com esse escopo, nesta Biblioteca poderão ser consultadas obras publicadas em Portugal desde 1975 (as anteriores podem consultar-se na Biblioteca Pública de Braga), uma parte significativa em regime de livre acesso às estantes, com um rico e invejável acervo de 320.000 volumes, com títulos dos mais variados géneros literários, onde avultam as colecções dos nomes da literatura e cultura portuguesa, mas onde se podem encontrar ainda enciclopédias, livros científicos e artísticos, dispondo-se ainda de cerca de três milhares de CD e DVD.

É assim que a *BLCS* permite acolher simultaneamente 600 utentes de perfis diversos e em diferentes actividades, nas três salas de leitura com capacidade de 200 lugares, numa das quais existem cabinas de leitura individual, uma outra sendo uma sala de leitura infanto-juvenil (65 lugares), um espaço ainda especialmente destinado a actividades de animação infantil (30 lugares), havendo ainda uma sala de expressão plástica para actividades em grupo. Aqui é, pois, possível, além de fruir da leitura de um livro, entregar-se à audição de um CD ou ao visionamento de um filme, em amplos e cómodos espaços concebidos para esse efeito e equipados com a mais moderna tecnologia (com capacidade para 30 utentes em utilização simultânea). Sendo um espaço equipado com rede sem fios, o utente poderá trazer o seu computador pessoal e navegar livremente na rede, ou recorrer a um dos sessenta computadores com acesso às mais variadas fontes de informação disponíveis na internet. Uma sala de exposições permanentemente preenchida com motivos artísticos, um bar situado em área de amplo espaço envolvente e em redor de um jardim, propiciando, em confortáveis sofás, que se possa tomar um café ou desfrutar de um lanche enquanto se lê um jornal, uma revista ou um livro, e, enfim, um imprescindível auditório com capacidade para 160 lugares – onde nos encontramos.

A partir de hoje, e num espaço recriado para o efeito, será aberto, após esta sessão, uma original vitrina onde estão dispostos alguns textos manuscritos e

certos objectos simbólicos do Professor Lúcio Craveiro da Silva, de acordo com um concurso de ideias que foi em devido tempo anunciado para quem delas se achasse inspirado, mas especialmente dirigido aos alunos de Arquitectura da Universidade do Minho. Acerca desse exercício, de cariz eminentemente pedagógico, falar-nos-á o Professor Paulo Mendonça, Director do Curso de Arquitectura; mas não posso deixar de salientar o grande número de projectos a concurso, o que tornou árdua e complexa a tarefa do Júri, por mim presidido, tendo como vogais o Doutor Paulo Mendonça, o Arquitecto Alex Davico e a Dr.^a Aida Alves, Directora da *BLCS*. Aproveito o ensejo para agradecer a todos os concorrentes que engrossaram esta torrente de ideias numa iniciativa a que corresponderam tantos jovens e que tornou claro que não há escassez de projectos quando as ocasiões se proporcionam; da equipa que ficou em 1.º lugar e das duas menções honrosas atribuídas, falará o Professor Paulo Mendonça, mas quero desde já, em nome da *BLCS*, felicitá-los pela valia dos respectivos trabalhos.

* * * *

Coube-me a honra de proferir, nos idos de 1994, a *Laudatio* sobre a obra e figura do Professor Lúcio Craveiro da Silva¹, aquando do seu 80.º aniversário natalício² – atendendo às funções que eu então exercia como Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas (Escola a que o Prof. Lúcio pertencia). O acto solene foi promovido pela Reitoria da Universidade do Minho (era então Reitor o Professor Sérgio Machado dos Santos), e realizou-se no local destinado aos grandes Actos que é o Salão Medieval, ante uma assembleia que enchia por completo esse espaço emblemático da Universidade.

Aquando do seu 90.º aniversário, foi o Instituto de Letras e Ciências Humanas (era então Presidente o Professor Fernando Augusto Machado) que promoveu uma singela e eloquente homenagem, tendo-me sido cometida a honrosa tarefa de invocar, em *Proémio*, a obra³ até então publicada pelo Professor Catedrático Jubilado então homenageado, que inclui ainda textos seus sobre a Universidade (organizada pelo Professor Manuel Gama, do Departamento de Filosofia do Instituto de Letras e Ciências Humanas).

Se no Proêmio tomei por base o texto que proferi na Laudatio, completando-o com novas referências que uma obra filosófica sempre em demanda de verdade prossegue – conforme ao convite a que gostosamente correspondi –, a verdade é que, mantendo embora por base o texto original, ele foi profundamente reformulado por exigência intrínseca da própria obra – profunda, original, pluri-facetada –, transformando-se num outro texto, dada a índole de profundidade e criatividade da obra em análise.

Não querendo adiar por muito mais tempo a intervenção do Professor Adriano Moreira, ansiosamente aguardada, que melhor que qualquer um de nós e com maior acutilância e pertinência pode falar sobre a figura do Professor Lúcio Craveiro, solicito apenas à vossa benevolência mais alguns minutos, para sublinhar como esta sessão é densa de memória – memória que é certamente vivida por cada um e de um modo muito singular –, e que equacionarei em três dimensões. Claro está, e seguindo Paul Ricoeur, não tomo aqui o significado de "memória-hábito", ou de "memória-repetição" de Freud, mas o de "memória-rememoração" de Bergson, que é a memória activa, interrogativa, meditativa; se aquela se esgota no hábito ou na mera recordação, esta é reflexiva, envolvendo a *presença* no tempo, mesmo uma intensa *presença espiritual*.

1) Primeiramente, a *memória* do Professor e investigador, que nos legou uma obra fascinante, pelo tomo e densidade. Sem dúvida, há em torno dos seus trabalhos um irrecusável efeito de fascínio: espanta a pluralidade de interesses, a imensidão de uma cultura que não se entrincheira em redutos de erudição, o jogo ilimitado das referências, que vão de estudos económicos e sociais, aos da filosofia em Portugal e da cultura portuguesa, da ética à filosofia política, onde se revela uma paixão de pensar, de investigar, numa convicta volúpia de compreensão dos magnos problemas da sociedade portuguesa. Ele próprio disse que "a cultura e os problemas portugueses são a casa onde vivo e respiro. E, quanto me compete, desejo-a bela e arejada", tendo dito antes: "Conheço evidentemente as outras "casas" e dialogo e até aprendo com outras culturas porque nunca me deixei isolar, mas vou sempre, como dizem, "lá fora, cá dentro""⁴.

Esse "diálogo vivo" consubstanciou-se nos seus trabalhos mais decisivos e com os mais diversos filósofos (Paulo Orósio, S. Martinho de Dume, Pedro Hispano, Álvares Pais, D. Diogo de Sousa, Francisco Sanches, Luís de Molina, Padre António Vieira, a Escola Conimbricense de Filosofia, Serafim de Freitas, Inácio Monteiro, Silvestre Pinheiro Ferreira, José Agostinho de Macedo, Antero de Quental, Eça de Queirós, Teixeira de Pascoaes, Silvestre de Moraes, Abel Salazar, a que se juntam alguns dos seus colegas e amigos, como Cassiano Abranches, Bacelar de Oliveira, Júlio Fragata, António de Magalhães, Adriano Moreira) ou em torno dos mais variados temas (especialmente em torno da ética e da filosofia social e política); no entanto, esse "diálogo vivo" transparece, mais intensamente, com o Padre António Vieira e com Antero de Quental, dos quais, como afirma, "bebemos alguma coisa de humano e de vital". Embora Lúcio Craveiro faça tais alusões, referindo-se a Antero de Quental⁵, de quem se confessa discípulo⁶, julgamos que elas são também extensivas ao Padre António Vieira⁷, quer pelos textos que lhe dedicou quer pelo modo pregnante como a ele se refere, acrescentando ser "um Autor com quem igualmente sempre convivi"⁸. Ademais, a Vieira e Antero dedicou um interessante livro, e, num interessante capítulo⁹ tão denso quão curioso desse mesmo livro, compraz-se em perscrutar semelhanças.

Em suma, surpreende a sua capacidade em ser portador de um olhar sempre diferente sobre os problemas que versa, levando o leitor a entregar-se quer ao exercício de leitura e de reflexão quer à vivência do "prazer do texto" e à súmula do que é aí presenteado.

2) Depois, a *memória* do Professor Lúcio como artífice de *inovação* nas Instituições por onde passou, mormente na Universidade do Minho, nela tendo exercido os mais variados cargos, desde Director de Departamento a Reitor eleito. Já em Évora, onde foi Director do Instituto Superior Económico e Social (1964-1971), ousou criar o Curso de Gestão de Empresas, enfrentando resistências e dificuldades de monta, tendo-lhe a história, contudo, dado razão, com a implantação actual destes cursos a nível nacional. Na Universidade do Minho, foi o mentor do Curso de Relações Internacionais – aliás, o primeiro criado em Portugal –, hoje disseminado por várias outras instituições universitárias do País.

Convidado para a Comissão Instaladora da Universidade do Minho pelo primeiro Reitor, Prof. Lloyd Braga, o Professor Lúcio foi depois o primeiro Presidente da Unidade Científico-Pedagógica de Letras e Artes (hoje, Instituto de Letras e Ciências Humanas) e impulsionador de outras áreas científicas, como as Ciências Sociais, a Gestão de Empresas e Administração Pública. No entanto, não foram só as Letras que foram impregnadas pela acção denodada do Prof. Lúcio; foi toda a Universidade do Minho que sentiu o seu impulso criador, onde foi quase tudo: professor, investigador, director de departamento, presidente de Escola, presidente de centro de investigação, membro da Comissão Instaladora, primeiro responsável pela extensão cultural, vice-reitor, reitor eleito – aliás, o primeiro reitor eleito numa universidade portuguesa depois do 25 de Abril.

Sobre este último cargo, é o próprio que conta: "Então o ministro [da Educação] mandou-me chamar: "O Senhor será o reitor em Braga." Eu respondi: "Oh, ser reitor vamos ver.", "Não, porque eu nomeio-o", "Pois aí é que está o problema. É que eu não aceito ser reitor sem consultar a Universidade". Acho que na vida universitária o reitor tem de ser uma pessoa que a universidade aceite e que a universidade possa escolher, porque ela é que sabe o que precisa. Era a tradição antiga das universidades. Estivemos três quartos de hora a discutir, mas eu não desisti. (...) Isto foi em fins de Setembro [1981], em Outubro eleições e em Novembro, mandei os resultados"¹⁰. E depois foi a questão dos vice-reitores: o ministro "queria impor dois vice-reitores amigos dele e também meus amigos (...), e eu disse: "Oh senhor ministro, desculpe, mas não (...)"¹¹. E assim se criou um modelo de eleição do Reitor, com a participação de todos os que na Universidade laboram (com os necessários coeficientes de ponderação em cada corpo – professores, estudantes, funcionários). Daí para cá, por imposição de sucessivas leis, ditas de "autonomia universitária", o universo dos votantes tem vindo a minguar: de toda a universidade a uma assembleia de uma centena de representantes, e agora a um Conselho de duas a três dezenas somente, que tornam esse processo eleitoral mais uma "escolha" que uma verdadeira "eleição".

Foi o seguinte o testemunho do Professor Vítor Aguiar e Silva sobre o Professor Lúcio: "tendo assumido o governo da Universidade num período de alguma conturbação e fragilidade internas, ele foi o Reitor da sabedoria e da prudência que soube serenar os espíritos e congregar vontades, tendo justamente

ganho uma autoridade moral que continua a ser um património inestimável da Universidade do Minho. Durante o seu reitorado, com firmeza e clarividência, deram-se passos muito importantes em matéria de planeamento e nos domínios de consolidação dos cursos de graduação e de abertura dos primeiros cursos de pós-graduação¹².

Por sua vez, o seu sucessor no cargo, ao pretender, "sem curar de exaurir os exemplos", referenciar "algumas das realizações ocorridas no mandato do Prof. Lúcio Craveiro da Silva como Reitor", faz a seguinte "retrospectiva factual"¹³: triplicou-se a população discente; iniciaram-se sete cursos de mestrado; reformularam-se os *curricula* e planos de estudo dos cursos de licenciatura; formulou-se o plano preliminar de desenvolvimento da Universidade no curto e médio prazo; duplicaram-se os espaços pedagógicos, com referência à recuperação do Complexo do Castelo; definiram-se e foram publicadas as estruturas disciplinares do quadro de professores da Universidade; publicou-se o quadro de pessoal dos Serviços Sociais; adquiriram-se cerca de oito hectares em Guimarães para implantação da 1.ª fase das instalações definitivas e acrescentou-se mais um hectare aos terrenos de Braga; iniciaram-se os projectos da 1ª fase das instalações definitivas em Braga e Guimarães (que deixou já na fase terminal); adquiriu-se uma residência universitária em Guimarães e entrou em funcionamento a residência universitária de Santa Tecla em Braga; criaram-se os trajes académicos, medalha e bandeira da Universidade do Minho; efectivaram-se os primeiros doutoramentos inteiramente preparados e supervisionados pela Universidade do Minho; estabeleceram-se cerca de duas dezenas de protocolos de cooperação com outras universidades, autarquias, empresas, ministérios; instituíram-se relações importantes no contexto da interacção universidade-meio.

Após a sua jubilação, foi nomeado Presidente do Conselho Cultural, órgão específico da Universidade do Minho, sobre o qual ele próprio afirmou: "Devido à força de cooperação destas Unidades [Culturais]¹⁴ e do esforço generoso e inteligente dos seus membros, o Conselho Cultural desenvolve, sob orientação da reitoria, numerosas actividades culturais (...) que marcam presença expressiva no panorama cultural da Universidade do Minho. (...) É evidente que toda a Universidade desenvolve uma mensagem abrangente intrinsecamente cultural, mas, dentro desta mensagem, este Conselho, como órgão da Universidade,

promove a coordenação e cooperação das Unidades Culturais e estabelece a ligação entre a Universidade e a comunidade no âmbito da sua competência e decide sobre os demais assuntos que lhe forem cometidos pelo Reitor¹⁵. Neste cargo, além de um empenhamento exultante, acabou por modelar a acção deste Conselho como órgão paradigmático da vida de uma universidade, a que o seu sucessor, o Prof. Viriato Capela, certamente se referirá.

3) Por fim, a *memória* do Amigo, do colega que se aproximava de nós num gesto de radical fraternidade, companheiro que transmitia a palavra necessária e o prudente conselho, a que não negava um humor genuíno, aliado por vezes a uma graça fina. Com a leveza da simplicidade, apanágio dos grandes, era um homem de elevada estatura moral, firmada numa amplíssima cultura, senhor de rara elegância e acribia incomum: uma personalidade tão aristocraticamente simples, na vida universitária, como no trato quotidiano. Mas, sobre a figura humana de Lúcio Craveiro da Silva, não quero alongar-me, não vão as minhas palavras macular aquela percepção tão íntima, vivida certamente por cada um no convívio que desfrutou com ele, e que continua a desfrutar em espírito.

A Universidade do Minho e o Município de Braga souberam honrar, justa e condignamente, e em tempo oportuno, a vida e obra do Professor Lúcio, ao atribuir o seu nome à nova Biblioteca de Leitura Pública de Braga, inserida no programa Bibliópolis. Tal atribuição foi uma completa surpresa e decorreu com impressiva comoção, especialmente para o homenageado; se fosse de outro modo, sabe-se que ele denegaria o acto. Ainda hoje recordo como ficou perturbado, quando a lápide alusiva foi descerrada, pelas expressões estampadas em seu rosto; não aguentaria esse acto expressivo se não houvesse pessoa avisada a seu lado, apoiando-o e sustentando-o. Assim, soube-se fazer jus ao seu mérito, ao pensador e investigador exímio, pedagogo acutilante de pendor socrático, cujo espírito filosófico se desenvolvia ritmicamente entre a maiêutica e a ironia, mas, antes de tudo, uma figura de rasgada humanidade.

Braga, 24 de Julho de 2009.

Notas

¹ O texto da *Laudatio*, após um amplo desenvolvimento, foi publicado como estudo prévio a preceder os artigos do número especial da Revista Portuguesa de Filosofia que lhe foi consagrado algum tempo depois: cf. Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, "'Perspectivas da prospectiva": acerca da obra de Lúcio Craveiro da Silva", *Revista Portuguesa de Filosofia*, 52 (1-4) Janeiro-Dezembro 1996, pp. 1-26.

² Na circunstância, o Centro de Estudos Humanísticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas, que o Prof. Lúcio integrava, editou uma obra comemorativa, intitulada *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, organização de Vítor Aguiar e Silva, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 1994.

³ Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, "Proémio", *Biobibliografia, Sobre a Universidade*, org. de Manuel Gama, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2004, pp. 9-55 (coleção Hespérides/Filosofia).

⁴ Lúcio Craveiro da Silva, *Ser Português: ensaios de cultura portuguesa*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2000, p. 7.

⁵ ID., *Antero de Quental: evolução do seu pensamento filosófico* [1959], Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1992, 2.ª edição aumentada.

⁶ *Ib.*, p. 13.

⁷ ID., *Padre António Vieira e Antero de Quental: ensaios*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 1998.

⁸ *Ib.*, pp. 7, 13.

⁹ ID., "António Vieira e Antero de Quental: um problema de semelhança", *ib.*, pp. 45-49.

¹⁰ Lúcio Craveiro da Silva, "Auto-Óptica" [Entrevista], in ID., *Biobibliografia, Sobre a Universidade*, *op. cit.*, p. 77.

¹¹ *Ib.*

¹² Vítor Aguiar e Silva, "Prólogo" a *Vinte anos de História da Universidade do Minho*, Braga, Universidade do Minho, 1994, p. 11.

¹³ Cf. Discurso do Prof. João de Deus Pinheiro, em 27 de Novembro de 1984 [dactilografado].

¹⁴ As *Unidades Culturais* existentes são as seguintes: Arquivo Distrital de Braga, Biblioteca Pública de Braga, Casa Museu de Monção, Centro de Estudos Lusíadas, Museu Nogueira da Silva, Unidade de Arqueologia, Unidade de Educação de Adultos.

¹⁵ Lúcio Craveiro da Silva, *Biobibliografia, Sobre a Universidade*, *op. cit.*, p. 184.